

XXIII CONCURSO BDArte

O Universo no Século XVII é uma versão recente de uma gravura a preto e branco feita a buril, provavelmente no séc. XIX. Camille Flammarion (1842-1925), investigador e divulgador da astronomia, usou-a no seu livro *A atmosfera: meteorologia popular* (1888). Nela, alguém olha para além das estrelas. Ultrapassa os limites da abóbada celeste e observa um mecanismo do Cosmos imaginado de acordo com a conceção bíblica dos *ofanim*. O profeta hebreu Ezequiel descreve-os como seres celestiais com a forma de *rodas dentro de rodas cheias de olhos*. Guardariam o trono divino sem nunca dormir, simbolizando a presença e a onisciência do Criador.

Ir para além do estabelecido envolve riscos. O seu discípulo e líder ateniense Péricles protegia-o, mas o filósofo Anaxágoras (500 a.C.-428 a.C.) foi considerado ateu e herético. Defendia que o Sol era uma pedra incandescente e a Lua uma massa de terra, negando a sua divindade. Ao explicar corretamente os eclipses solares contrariou a crença de que era o deus Hélios a conduzir o Sol (depois associado a Apolo) através do céu numa carruagem de fogo. Condenado à morte por impiedade e traição, conseguiu fugir. Para o heliocentrista Giordano Bruno (1548-1600) o Universo não podia ser fechado e finito, como muitos então pensavam, mas ilimitado, por ser consequência necessária da infinitude do seu Criador. Haveria incontáveis mundos, com estrelas e planetas a orbitá-las, muitos possivelmente habitados e não só a Terra (*Do universo infinito e dos mundos* (1584). A Inquisição Romana mandou queimá-lo por heresia. Segundo Voltaire (1694-1778), a ideia de uma abóbada celeste fechada e limitada era tão inteligente como a de um bicho-da-seda considerar o seu casulo o limite do Universo. No *Sidereus Nuncius* (Mensageiro das Estrelas. 1610) Galileu Galilei (1564-1642) descreve ter visto, com um telescópio, incontáveis estrelas, a superfície lunar, as fases de Vénus, os satélites de Júpiter e as manchas solares, que outros já tinham observado primeiro. Para ele tudo isto provava não serem os astros perfeitos e imutáveis, como a astronomia geocêntrica aristotélico-ptolomaica e a Igreja Católica julgavam. A Inquisição considerou herético o heliocentrismo em 1616, proibiu-o, e ordenou a Galileu que o não apoiasse nem ensinasse. Ele defendeu-o implicitamente n' *o Diálogo sobre os Dois Principais Sistemas do Mundo* (1632), e em 1633 a Inquisição Romana julgou-o por ser "suspeito veementemente de heresia". Passou o resto da vida em prisão domiciliária. Esperemos que nunca mais venha a ser perigoso ultrapassar os limites do que se conhece e/ou *julga* conhecer. Os hindus, criadores do zero (sunya>vazio) como número matemá-

tico inteiro, racional e real e que há cerca de 4000 anos pensam na *complexidade da imensidão*, concebem o Universo como um processo recorrente e eterno de criação e destruição com ciclos cósmicos (dias de *Brahma* ou *kalpas*. *Kalpa* é o tempo cíclico hindu), cada um com 4,32 mil milhões de anos. No fim ocorre um período de dissolução (*Noite de Brahma* ou *Pralaya*). É aniquilado, retorna ao estado primordial, e depois Brahma inicia a criação (*Shristi*) de outro. A vida completa de Brahma dura 311,04 mil milhões de anos. 100, na sua *própria* escala de tempo. Para a comunidade científica, cerca de 13,8 mil milhões de anos é hoje a estimativa mais consensual da idade do Universo e, (dados do Telescópio Espacial James Webb), no universo observável, poderá haver até 30 triliões de galáxias. À velocidade da luz demoraríamos cerca de 100.000 anos a sair da nossa, o que sugere a inviabilidade definitiva de o fazer. Mas, para Lucien Goldmann (1913 -1970), há sempre um "máximo de consciência possível": as culturas e as estruturas sociais de cada época restringem a compreensão da realidade. Disto, nem os mais conscientes conseguem escapar. As circunstâncias históricas e socioculturais em que a existência decorre moldam-na e também limitam o que se consegue *compreender e prever*. Não vemos hoje como sair da Via Láctea não significa, necessariamente, a impossibilidade de o fazer nem que não possa vir a ser feito, porque os nossos *horizontes-limites* de pensamento e de ação não serão os mesmos dos que viverem muito depois de nós. Anteciparão coisas que não estão ao alcance dos melhores pensadores de hoje, mas terão outros *horizontes* e outros *limites*. E assim sucessivamente.

Eis a ideia central do XXIII Concurso *BDArte*: recorrer aos códigos artísticos da 9.ª Arte, – a *BD* –, ao texto, que sugere *alguns* dos muitos *pontos de partida* e contribui para criarmos os *nossos*, e a outros dados conhecidos e/ou pesquisados, para *desenhar* uma história sobre uma pessoa (ou mais) que procura fazer, à *sua* maneira, o que a da gravura fez: *ultrapassar* os *limites* do conhecimento aceite. O que estará para além do que se *sabe* ou *julga* saber ? O que *gostaríamos*, ou não, de *descobrir* e *fazer* na imensidão do Universo de que fazemos parte ? E se houver mais do que um ? O espaço exterior será a *última* fronteira ou a *próxima*, até a incontável capacidade imaginativa e criadora do ser humano descobrir outra(s) ? Eis o *desafio*. Concorre !

Guerreiro Vaz